

A Geografia da Europa

Vitalino Canas

Assembleia da República

É interessante registar que apesar de muitos europeus acharem que a UE está em crise, a fila de países candidatos à adesão não tem diminuído: a Croácia e a Turquia estão na primeira linha, porque estão já em fase de negociações, e agora também a Macedónia. Mas logo a seguir temos os restantes Estados da ex-Jugoslávia, Sérvia, Bósnia-Herzegovina e Montenegro. E também a Ucrânia, a Moldávia, a Geórgia, porventura a Arménia, talvez um dia o Azerbaijão. Afastada estará sempre, creio, a Rússia, que preferirá um caminho autónomo.

Ora, é curioso ver qual o sentimento dos europeus (*rectius*, de alguns líderes europeus) em relação a essas candidaturas ou pré-candidaturas ou nem isso. Sintomático é o agrado em relação aos Estados dos Balcãs ocidentais, a simpatia para com a Geórgia. Estranha – na minha opinião – é a frieza em relação à Turquia, frieza essa que por vezes cai na rejeição, como sucede com o novo Presidente francês Sarkozy, que começou bem o seu percurso pró-europeu, mas tem essa pedra no sapato.

Há alguns meses, em mais um dos braços de ferro típicos de negociações complexas, a Turquia e a União Europeia esticaram a corda no que toca à abertura dos portos e dos aeroportos turcos a navios e aeronaves provenientes da parte de expressão grega de Chipre. A UE ameaçou a Turquia de suspender a negociação de alguns importantes dossiers no contexto do processo de adesão da Turquia e anunciou quais seriam esses dossiers. A Turquia, depois da visita do papa Bento XVI, quis dar um sinal de cedência, sem ser ainda uma verdadeira cedência, e ofereceu a abertura de *um porto* e de *um aeroporto*. Logo alguém comparou a atitude da Turquia com a do vendedor de tapetes que depois de muito regatear com o eventual cliente, decide baixar um pouco o preço quando aquele já se encaminha para a saída do estabelecimento.

A imagem do vendedor de tapetes é atraente. De algum modo caricatura a posição dos negociadores turcos, mas também faz lembrar que todas as negociações, particularmente com negociadores experimentados e confiantes, requerem paciência e desaconselham cortes ou movimentos bruscos.

Hoje mais do que nunca, num momento em que a Turquia passa por um momento de instabilidade política e de tensão entre as forças seculares e as tendências religiosas islâmicas articuladas com o governo do primeiro-ministro Recep Tayyip Erdogan, a nossa opção deve ser simplesmente a integração da Turquia tão rápido quanto possível.

É certo que há que respeitar os critérios de Copenhaga e os compromissos dos responsáveis turcos. Eles têm de ser cumpridos e a Turquia parece atrasar-se. Mas também é certo que a adesão da Turquia não é uma questão que se possa considerar do interesse simplesmente dos turcos.

A Turquia é sem dúvida um País muito mais ligado à história e à cultura europeias do que à história e cultura asiáticas. A entrada da Turquia na UE, quando suceder, acontecerá por direito próprio e terá um efeito significativo na capacidade da Europa enfrentar os desafios do futuro. Com a Turquia no seu seio, como sucede na NATO há muitos anos (a Turquia foi um dos aliados fundadores), a União Europeia poderá ganhar um protagonismo acrescido na zona mais crítica do Mundo de hoje, que por acaso fica nas suas traseiras, no Médio Oriente e até na Ásia Central. Com a Turquia no seu seio a Europa ganha um importante *interface* com o Mundo islâmico.

A Turquia é um país de maioria islâmica, mas em que as instituições do Estado são laicas. Isso tem permanecido assim mesmo com um governo do Partido da Justiça e Desenvolvimento.

O modelo turco constitui por isso uma referência para o que poderá vir a suceder em outros países de maioria islâmica onde ainda não haja clara separação entre o poder secular e a esfera religiosa. Da Europa exige-se um sinal de apreço por esse modelo. Neste momento, dos políticos da União e da Turquia que verdadeiramente querem a Turquia na UE só pode esperar-se que não alimentem um ambiente de críspação e de antagonismo que transmita para as opiniões públicas dos Estados membros e da Turquia sinais que possam contribuir para o aprofundamento de sentimentos negativos que um sector importante dessas opiniões públicas revelam em relação à adesão da Turquia.